



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

**COR E ETNIA, SINAIS DO PRETO E BRANCO
QUESTÕES ÉTNICAS DE RAÇA, COR E IDENTIDADE EM
LIBRAS**

Thais Cristina Belonia¹
André Alexandre Henning Pereira²
Julia Lacerda Paes dos Santos³
Wallace Pires Pereira⁴
Julia Santos Paolucci⁵
Luciana de Souza Costa⁶
Anna Carollyne M. de Carvalho⁷
Felipe Barros de Oliveira⁸
Julia de Souza Santos⁹

RESUMO: Trataremos neste artigo sobre a percepção e significados de alguns termos usados em Libras. Especificamente iremos abordar a questão racial e um “suposto” racismo presente nos sinais. Ao abordar este assunto, iremos tentar entender de diferentes perspectivas, tanto de surdos, quanto de ouvintes em relação à representatividade através dos sinais, de acordo com as propostas de KARNOPP (2004). O enfoque de pesquisa para o grupo fora os sinais para negro e branco referentes a etnia, sendo a impressão geral do grupo que os mesmos possuísem caráter racista, em uma abordagem a partir do simbolismo, na leitura de MUNANGA (2006). Ao observar o sinal referente à cor branca passou-se a ideia que a cor de pele por padrão é o branco, pois o sinal se refere diretamente à pele. Em relação ao sinal referente a etnia negra, o

¹ Licencianda em História – UFF, tbelonia@gmail.com

² Licenciando em História – UFF, andre.henning@gmail.com

³ Licencianda em História – UFF, julialps@gmail.com

⁴ Licenciando em História – UFF, wallacepires98@live.com

⁵ Licencianda em História – UFF, jusanctos@gmail.com

⁶ Licencianda em História – UFF, luciana.costa.rb@gmail.com

⁷ Licencianda em História – UFF, annacarollyne95@hotmail.com

⁸ Licenciando em História – UFF, barros.felipe1998@gmail.com

⁹ Licencianda em História – UFF, juliassantos@hotmail.com



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

grupo se questionava de onde o mesmo surgira: se relacionado à consciência negra ou se pejorativamente à forma do cabelo, como expressão de um racismo contratado culturalmente, a partir da base teórica de MILLS (1999).

Palavras-chave: Libras. Etnia. Cor. Identidade racial. Sinais.

ABSTRACT

In this article, we are going to discuss about perceptions and meanings of some of the terms used in Libras. We will specifically think about the racial question e a “would be” racism present at the signs. While discussing about this matter, we will try to understand from diferent perspectives, from deaf as much as from listeners about representation through signs, according to KARNOPP (2004)’s propositions. The research’s goal for this group was the signs to black and white referring to ethnics, being the general impression that they have a racist meaning in a reading through symbolism, in MUNANGA (2006)’s point of view. By observing the signal for the white color comes the idea that the skin color, by default, is white because this sign refers directly to skin. About the sign to the black ethnics, the group questions itself from where does it comes: if related to black counsciousness, or if in a pejorative way about hair style, as expression for a cultural contracted racismo comming from MILLS (1999)’s theoretical basis.

Key words: Libras. Ethnics. Collor. Racial Identity, Signals.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

INTRODUÇÃO

A língua brasileira de sinais é um caminho fundamental para a inclusão social da pessoa surda. A língua de sinais quebrou um longo paradigma, na medida em que forneceu uma importante ferramenta, que possibilitou aos deficientes auditivos, representarem o mundo de acordo com suas ideias e percepção.

As discussões acerca do reconhecimento e valorização das diferentes etnias no Brasil vem ocupando espaço de destaque nos assuntos referentes a políticas. Nesse sentido, busca-se encontrar formas de eliminar as barreiras que ameaçam a sobrevivência das culturas indígenas, bem sua integração na sociedade brasileira. Em meio a tantos movimentos que visam garantir direitos as diferentes etnias algumas questões acabam não tendo muito espaço.

O enfoque do grupo partiu da investigação, como estudantes de História, dos processos envolvidos historicamente, bem como os atos sociais imbricados, de modo a distinguir as diferentes camadas da comunicação com as relações sociais dadas, em um meio que, dentro de uma lógica social de exclusão histórica, como minoria, dentro de uma minoria significada.

Cabe comentar que há muito, a comunidade surda vem conquistando grandes avanços na luta por mais representação na sociedade. “A cultura surda remete as formas de o sujeito surdo compreender o mundo e assim modificá-lo, a fim de torná-lo mais acessível. Essas formas de representação incluem as línguas, as ideias, crenças, costumes e hábitos do povo surdo.” (STROBEL,2008, p. 24).¹⁰

CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

A questão simbólica

¹⁰ Karin Lilian Strobel, doutora em educação pela UFSC, especializada na área de surdez, professora no departamento de Letras da UFSC e coordenadora geral de Libras na instituição, desde 2013.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
 - 06 de julho 2017 -

Toda língua se compõe de metáforas simbólicas que transmitem significados através de seus modelos significantes, que assim realizarão a comunicação dos conteúdos mutuamente compreendidos.

Figura 1 – Sinal de BRANC@, para cor e etnia



Fonte: Elaborado pelo autor

Neste trabalho observamos que os sinais representativos para designar a cor preta e o signo representativo para a etnia, em oposição a continuidade do sinal utilizado para a cor BRANC@ (figura 1) – com uma correspondente indução ao sentido de pele, como algo normalizado – tanto para o designativo étnico quanto para cor de coisas e objetos (FELIPE, 2001). O foco dessa atenção foi especificamente para o simbolismo do sinal estipulado para a etnia, em menção ao cabelo, como estereótipo (figura 2) bem como a verificação de outro sinal para cor de objetos e coisas (figura 3) para o sinal de PRET@ e NEGR@ (FELIPE, 2001). Analisando a composição do sinal, por ser perto do cabelo com movimento de giro, talvez faça a alusão ao cabelo crespo.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

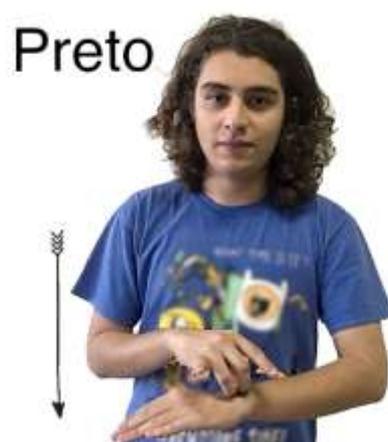
ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

Figura 2 – Sinal de NEGR@, para a etnia, aludindo ao cabelo crespo



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 3 – Sinal de PRET@ para a cor, variante regional



Fonte: Elaborado pelo autor



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 –

Segundo Bakhtin¹¹, a língua “é uma prática social cotidiana envolvendo a experiência do relacionamento entre os sujeitos”. Para o autor, “a língua deve ser entendida como um processo de evolução ininterrupto, em um fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação” (Bakhtin, 1929: 127). A partir destes pressupostos, é possível entender que a língua possui contextos que podem denotar, ou camuflar, relações preconceituosas em seus signos, marcas de uma sociedade desigual, em que pesem a dominação e estigmatização social étnico racial, através de sua natureza social.

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN, 1929: 95).

Em nossa pesquisa, percebemos que, o senso comum de alguns ouvintes ao se depararem com a representatividade é problematizado na questão preconceitual. Tal percepção se dá visto a história cultural e a grandes discussões ao redor do perigo de generalizar a partir de uma característica. Afinal, nem todo negro tem cabelo crespo e nem toda pele é de cor branca, ideia entendida subjetivamente por alguns ouvintes pelo sinal escolhido. Porém fontes históricas sobre os primórdios da criação dos sinais e da problematização da representatividade através de tal, é bem precarizada ou inexistente. Ou seja, não podemos afirmar a real intenção ou denominar o criador do sinal.

Assim como demais idiomas, a Libras não escapa de representar as relações políticas e sociais de seus comunicantes, em seus signos, ecoam os simbolismos de nossa sociedade, no qual o racismo e preconceito transparecem nas relações sociais.

¹¹ Mikhail Mikhailovich Bakhtin, foi um filósofo e pensador russo, teórico da cultura europeia e as artes. Bakhtin foi um pesquisador da linguagem humana, seus escritos inspiraram trabalhos de estudiosos em um número de diferentes tradições (o marxismo, a semiótica, estruturalismo, a crítica religiosa) e em disciplinas tão diversas como a crítica literária, história, filosofia, antropologia e psicologia.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 –

Pelas características morfológicas peculiares a Libras, esta pode ser particularmente afetada de modo a evidenciar uma colonização visual, que expõe de modo imediato o conteúdo do preconceito social em seu significado simbólico.

Entende-se que toda língua é dinâmica, e sofre a ação dos contextos onde está inserida, portanto, não existe neutralidade ideológica na língua, esta reflete os padrões marcados de seu meio, em meio a relações de poder. Nessas relações de trocas e significados simbólicos, cabe a reflexão de como seus conteúdos são afetados pela dominação cultural, que no racismo simbólico, propõe a vítima do preconceito, ser a própria causa.

Quanto mais o grupo se inseria na pesquisa e conhecia a respeito da Libras e da cultura surda, chegamos à conclusão que devemos levar em consideração outros aspectos, como a diferença cultural e como mecanismo de aprendizagem em Libras é realizado. Lodenir Karnopp¹² deixa claro o “caráter gestual-visual da Libras, ou seja, significa que a língua de sinais é composta por um conjunto de elementos linguísticos expressos de forma manual, corporal e facial”. Karnopp (2004) afirma que “o receptor da mensagem usa os olhos e não os ouvidos para entender a mesma, como a mensagem é transmitida via oral e captada pela visão os sinais são construídos a partir do que é visto”.

A partir disto fica claro que, a nomeação de objetos ou pessoas é feita através de suas características físicas, afinal de contas trata-se de uma língua gestual-visual. Deve-se levar em consideração tal diferença de interpretação e expressão, pois, o que pode soar como racismo para os ouvintes não necessariamente o é na comunidade surda, pode ser apenas a maneira nomear algo ou alguém a partir de uma conclusão

¹² Lodenir Becker Karnopp, Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Departamento de Estudos Especializados e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Possui graduação em Letras, Mestrado e Doutorado em Linguística e Letras (PUCRS, 1999). Desenvolve pesquisas no campo dos Estudos Culturais em Educação, com ênfase em Línguas de Sinais e Educação de Surdos. Desde julho de 2015 é líder do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos (GIPES), do DGP/CNPq. <http://lattes.cnpq.br/6776335394919903>



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 –

baseada em características físicas que foram agregadas para a comunicação através da Libras.

Racismo simbólico

Em contrapartida, o antropólogo e professor brasileiro-congolês, Kabengelê Munanga¹³ (2006), afirma que, “por ignorância em relação às diferenças culturais e étnicas, e também por uma questão econômica e política, o espírito colonizador europeu desfigurou a personalidade moral, a intelectualidade e as características biológicas do negro, tornando-o escravo. Sem alternativas, o negro teve que ser instruído na escola do colonizador e, pouco a pouco, foi convencido da própria inferioridade”.

Partindo desta compreensão, em um desenvolvimento socialmente orientado, deve-se buscar a ressignificação de conteúdo, que tenham sido colonizados para perpetrar formas de preconceito na língua, como racismo simbólico.

Não foram encontrados indícios que demarquem o surgimento do signo que caracteriza a pessoa negra, mas resta supor que seu simbolismo denota uma observação pejorativa, quando comparado com a neutralidade na identificação simbólica de outros grupos étnicos. Cabe discutir se tal signo, de fato, faz representar tal grupo perante a si mesmo, ou é uma designação realizada contra sua alteridade, pelo elemento dominador.

Do mesmo modo que os vocábulos dos falantes, os sinais podem, e devem ser investigados na sua estrutura, simbolismo e significado, em seu tempo presente, e na sua evolução no tempo histórico, que podem expor os interesses sociais e políticos mobilizados.

Cabe notar que, a língua como elemento vivo, constitui memória cultural de uma sociedade dada, transmitindo seus valores, e no seu processo de percepção das suas incongruências, sua transformação registra as ampliações de suas preocupações

¹³ Kabengele Munanga, antropólogo e professor brasileiro-congolês. É especialista em antropologia da população afro-brasileira, atentando-se a questão do racismo na sociedade brasileira. Kabengele é graduado pela *Université Officielle du Congo* e doutor em Antropologia pela Universidade de São Paulo.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

relacionais. Uma vez que não há palavra, enquanto signo, que seja isenta de interpretação, política e ideologia, pois refletem valores marcados em algum momento e situação, em sua escala própria de valores.

Nossa sociedade é reconhecidamente fundada em padrões de classes dominantes, que impõem sua carga de valores próprios, em cada aspecto da vida social, e a língua reflete estas cargas, sobretudo contra os grupos minoritários, em uma ideologia encravada nos signos da língua, como reflexo da mentalidade organizada pelo dominador.

Movidos por curiosidade investigativa, para comparar culturalmente a simbolização do significado dado a pessoa negra em outros contextos, realizamos a pesquisa de como esse termo é construído em outra cultura com dilemas semelhantes. No caso, foi encontrada a construção do sinal na ALS - *American Language Sign* - estadunidense. Tal sociedade articula de modo bastante crítico às questões da língua e seus significados nas relações étnicas, ressaltando que, para estes, a preferência é se referirem a si mesmos como *black person*, pessoa preta, pois o termo equivalente ao termo negro, usado no português, tornou-se uma palavra proibida culturalmente, por evocar o contexto escravista, sendo comumente referida como *the 'N' word*, a palavra com N. Se faz necessária essa contextualização, para expor como questões de etnicidade são tratadas em dada cultura. Foi percebido que, os sinais étnicos foram estabelecidos em conformidade com o sinal da cor correspondente, e quando necessário marcar ser pessoa ou grupo de pessoas, é conjugado com o sinal próprio para pessoas.

Percebendo essa dicotomia, cabe a análise sobre a auto representação em Libras das questões de etnicidade, como modo de promoção da autoestima e compreensão própria, da pessoa negra em relação a si própria. Uma vez que se faça a reanálise esse simbolismo, sob outro ângulo, compreenda-se que a projeção do imaginário social produz a ilusão de que o simbolismo ocorre naturalmente, sem identificar que este reproduz a crença no mito da democracia racial.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
 - 06 de julho 2017 -

Dado que Libras está em processo contínuo de resignificação, e construção de um vocabulário semântico unificador das diversidades regionais, há espaço, em nossa opinião, para a discussão de valores sociais, para as palavras política e ideologicamente orientadas, nesse processo de ressimbolização, para correção de prováveis distorções sociológicas impostas por uma cultura de opressão, onde a língua surge como sustentáculo da ideologia, que inferiorizam social, intelectual e psicologicamente, por meio de acepções discriminatórias a etnia negra.

A invisibilidade do racismo

Neste processo de pesquisa nos deparamos com a ausência de um sinal que, dada a relevância do tema, nos causou surpresa, que é o termo “racismo”. O que nos remete a persistência da invisibilidade do racismo por sua naturalização. E essa invisibilidade, em uma língua gesto-manual, e, portanto, notadamente ligada a visibilidade, agudiza o argumento da restrição institucional ao tema.

Conforme conceituado por Mills¹⁴ (1999), em *The Racial Contract*:

O racismo seria um sistema político e uma estrutura de poder baseados em um Contrato Social (na verdade, um Contrato Racial) no qual os membros da raça dominante formariam um acordo tácito no qual, ao mesmo tempo em que garantem para si a maior parte das riquezas e oportunidades da sociedade, também consentem em não ver o próprio sistema, criando assim a “alucinação consensual” de um mundo sem raças, meritocrático e igualitário, que passa a mediar sua interpretação da realidade. Assim como o peixe não vê a água, os membros da raça dominante não veriam o racismo. (MILLS, 1999: 76)

¹⁴ Charles Wright Mills (1916-1962), sociólogo, filósofo e antropólogo dos EUA, com mestrados em arte, filosofia e sociologia pela Universidade do Texas, e doutorado em sociologia e antropologia pela Universidade do Winsconsin, foi professor de sociologia nas Universidades de Maryland e Columbia.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 –

CONTEXTUALIZAÇÃO METODOLÓGICA

O estudo surgiu de discussões em sala de aula, na disciplina Libras I, oferecida nas licenciaturas da UFF, formou-se o objeto da investigação teórica, por parte dos alunos do curso de História. Assim o grupo realizou pesquisas em fontes como o Capes, leitura de diversos artigos relacionados à questões raciais e da linguagem, busca por vídeos e documentários sobre os assuntos articulados em questão.

Dessa forma, foi realizada uma pesquisa a respeito da origem dos sinais envolvidos, todavia não foi possível encontrar bibliografia que cobrisse as indagações do grupo. Portanto, seguiu-se assim a investigação teórica, a partir dos pressupostos sociológicos aceitos, do desenvolvimento das formas de racismo contemporâneo, nas sociedades coloniais escravistas, cobertos pelas pesquisas de MILLS, C. W. (1999) e MUNANGA, K. (2006).

Para esta pesquisa, foram selecionados sinais do dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (CAPOVILLA et al, 2015), baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, cujo escopo da validade dos sinais ou da entrada de sinais no corpus abrange onze estados brasileiros.

Consideramos necessárias novas investigações de conteúdos históricos, em momento futuro, que somem registros a respeito do acesso à educação da pessoa surda, em seus primórdios no Brasil, por parte dos negros, e de como estes foram se foram incluídos em quais condições, para extrair mais dados que auxiliem do desenvolvimento destas questões ora levantadas.

ANÁLISE DOS DADOS

Nesta etapa do artigo, foi realizada a análise em sala de aula a partir dos sinais encontrados no dicionário. Na organização da análise, foi discutido o simbolismo



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

imagético, avaliando-se o grau de adjetivação simbólica sobre o conteúdo substantivo no contexto das relações étnico-raciais.

Estas relações compreendidas, entre os sinais e as identidades étnicas, foram comparadas com as conclusões a respeito da naturalização do racismo simbólico, como fenômeno histórico de longa duração, seus significados antropomórficos para formação das relevâncias visuais, alcance e profundidade na relação da língua com o meio social.

DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A compreensão obtida pelo grupo, sob a orientação em sala de aula, derivada é óbvia, não existe neutralidade na temática racial ao suprimir sua existência no discurso, a negação da raça é em si uma afirmação política e social, sendo intrinsecamente racista.

Em que pese não se estabelecer um nexos causal objetivo, fundado na intenção do racismo em si, no desenvolvimento de Libras esta como fenômeno social e de comunicação, reflete o meio social em que se está inserida, reproduzindo uma estrutura que historicamente, excluiu em diferentes níveis, o negro como persona e como agente.

O artigo não tem a pretensão de demarcar o recorte etnográfico de modo definitivo, mas de abrir a discussão, que traga uma reflexão conceitual, para o desenvolvimento do espaço de uma narrativa autônoma destes agentes, de sua cultura e simbolizações próprias.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.

CAPOVILLA, Fernando César, Raphael, Walkiria Duarte, Mauricio, Aline Cristina L. *NOVO DEIT-LIBRAS: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. vol. 1. 3. ed. Editora EDUSP, 2015.

FELIPE, Tanya A; MONTEIRO, Myrna S. *Libras em Contexto: curso básico, livro do professor instrutor – Brasília : Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2001.*

KARNOPP, Lodenir Becker, e Ronice Muller de QUADROS. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MILLS, Charles Wright. *The Racial Contract*. Ithaca, NY, USA: Cornell University Press, 1999.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

STROBEL, Karin Lilian. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: UFSC, 2008.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 –

AGRADECIMENTOS

Nossa especial gratidão à professora Tatiana Militão, nossa orientadora, que muito nos incentivou ao reconhecer relevância na questão levantada em aula, e motivou a investigação do tema, que ora compõe esse artigo. A própria mobilização dos integrantes, entre seus alunos, originários do departamento de História, se deu em face de sua percepção de que o tema deveria ser debatido, ante as características próprias de nossa formação. Sem seu auxílio, direcionamento e questionamentos, este trabalho não estaria aqui. Sem dúvida, mais do que nos instruir no importante tema da inclusão da cultura surda, seus códigos e língua, buscou nos orientar de nosso papel diante deste desafio da educação e inclusão social.